

O DISCURSO DO MEDO: O HIV E A AIDS EM NOTÍCIAS DOS JORNAIS *GAZETA DO ACRE/A GAZETA E O RIO BRANCO* (1987-1989)

Samyr Alexssander Farias Leite ¹

RESUMO

O presente artigo analisa narrativas dos jornais acreanos *Gazeta do Acre/A Gazeta* e *O Rio Branco* no recorte de 1987-1989 que abordavam questões relacionadas ao HIV e a AIDS, buscando compreender como os discursos acerca do vírus e da síndrome pelos veículos produziam visibilidades e dizibilidades que ressaltavam uma perspectiva de medo e pânico moral-sexual na cidade de Rio Branco (AC).

PALAVRAS-CHAVE

HIV; Aids; Jornais; *Gazeta do Acre/A Gazeta*; *O Rio Branco*.

ABSTRACT

This article analyzes narratives from the *Gazeta do Acre/A Gazeta* and *O Rio Branco* newspapers in the 1987-1989 census that addressed issues related to HIV and AIDS, trying to understand how the discourses about the virus and the syndrome by vehicles produced visibilities and that emphasized a perspective of fear and moral-sexual panic in the city of Rio Branco (AC).

KEYWORDS

HIV; AIDS; Newspapers; *Gazeta do Acre/A Gazeta*; *O Rio Branco*.

A antropóloga Gayle Rubin em seu reconhecido artigo *Pensando sexo: notas para uma Teoria radical das políticas da sexualidade*, produzido no início da década de 1980, projetou que a síndrome da imunodeficiência adquirida (AIDS) teria “consequências de longo alcance para vida sexual em geral, e na homossexualidade em particular” (RUBIN, 1984, p. 38). Rubin (1984) previa como uma série de discursos conservadores e moralistas instrumentalizando conhecimentos científicos incipientes sobre uma “nova doença”, patrocinariam um clima de pânico sexual e moral, com uma intensa pressão-repressão sobre as práticas afetivo-sexuais de determinados indivíduos e a circulação de percepções como a de “grupo de riscos” para relacionar o advento do HIV e determinados sujeitos.

O “grupo de risco” mais destacado com relação a vírus seria o dos homossexuais masculinos (SOARES, 2006; RUBIN, 1984; TEODORESCU; TEIXEIRA, 2015). Esse conceito cunhado pelos discursos biomédicos, auto-proclamados como “neutros”, circunscreveu identidades e sujeitos numa espécie de “cordão sanitário moral” (PELÚCIO, 2009). Conforme observa Soares

1 Formado em História pela Universidade Federal do Acre e mestre em Letras (Linguagem e Identidades) pela UFAC.

(2006), a construção dessa concepção de “grupos de risco” relacionados ao HIV foi realizada “pela observação limitada de casos, pelo isolamento de características comuns a esses casos, a saber: a homossexualidade masculina, o uso de drogas intravenosas e origem geográfica” (SOARES, 2006, p. 57).

Essa observação limitada contribuiu na construção de um imaginário social que atrelava sujeitos identificados como “homossexuais” e “usuários de drogas” como os responsáveis estritos pela existência e proliferação do vírus. Mesmo com posteriores descobertas nos campos científicos deslocando a idéia de grupo para “comportamentos de riscos” e evidenciando que o HIV poderia também ser contraído em relações heterossexuais, essa percepção manteve-se influente. Considera Pelúcio (2009) sobre essa perspectiva:

Os esforços de ativistas e acadêmicos para desassociar a aids dos chamados “grupos de risco”, apontando para a “heterossexualização”, “juvenilização” e “pauperização” da doença (Guimarães. 1998, Kalichman. 1994, Monteiro. 2002, Jeolás, 2003), ao longo dos anos de 1990, não lograram borrar de todo as fronteiras que circunscreviam a aids a determinadas condutas, sobretudo à homossexualidade (Gilman.1991, Paiva. 1992, Bastos, Boschi-Pinto, Telles & Lima. 1993). A aids estaria, assim, em corpos previamente marcados por comportamentos tidos como desviantes. Desta forma, falar em aids é também falar de velhos (e novos) processos de estigmatização. (PELÚCIO, 2009, p. 115).

Os discursos das mídias se destacaram num conjunto de vozes sociais que compuseram um coro alarmista e perigoso em torno das identidades sexuais e comportamentos sociais indicados como vetores de transmissão da então “nova” doença. O olhar médico voltando-se para determinadas sexualidades, principalmente as historicamente definidas como desviantes, promiscuas e perigosas (PELÚCIO, 2009), orientou, de forma geral, a mirada dos discursos noticiosos e suas formas de dizer a AIDS e os sujeitos identificados sob a marca de “grupos de risco” e posteriormente associados a “comportamentos de riscos”.

O HIV “chegaria” ao Brasil em inícios dos anos 1980, especificamente em 1982 (SOARES, 2006; TEODORESCU; TEIXEIRA, 2015). Conforme Teodorescu e Teixeira, no “final de 1983, a aids se tornara realidade em diferentes capitais brasileiras. Não se podia mais ignorar que se tratava de uma epidemia, quando a imprensa brasileira trazia a público, com frequência, a notícia da nova doença” (TEODORESCU; TEIXEIRA, 2015, p. 37).

Nesse contexto, a imprensa obteve relevância na formação de uma maneira de dizer e dar a ver a doença no Brasil. No Estado do Acre, o primeiro caso registrado data de 1987, com suspeitas de um caso não confirmado já no ano de 1985 (TEODORESCU; TEXEIRA, 2015). Os jornais locais *Gazeta do Acre/ A Gazeta* e *O Rio Branco* produziram material sobre a temática incisivamente a partir de 1987. Em notícia “Rio Branco tem primeiro caso de AIDS”, de 15.05.1987, a *Gazeta do Acre* divulgaria dados da Coordenação Acreana da campanha de prevenção de DSTs e AIDS, informando que três pacientes portadores do HIV foram registrados em Rio Branco (AC) naquele ano.

A partir de 1987, a imprensa no Acre daria foco à “evolução” do número de portadores do vírus no Estado, suas narrativas potencializariam um clima de medo sexual. Algumas das manchetes produzidas no período de 1987-1989 podem servir como um indicativo primário dessa percepção: “AIDS, violência, preços altos **assustam** foliões no carnaval” (*Gazeta do Acre*, 24.01.1988, edição n° 642); “**Medo** da AIDS” (*A Gazeta*, 11.11.1988, edição n° 880), “**Medo** de AIDS” (*A Gazeta*, 15.06.1989, edição n° 1056), “Morte por AIDS gera o **pânico** na capital” (*A Gazeta*, 26.07.1989, edição n° 1090); “Capital pode ter 300 portadores do vírus da AIDS” (*A Gazeta*, 31.01.1989, edição n° 948); “Aumento da AIDS na capital” (*A Gazeta*, 03.02.1989, edição n° 951).

Construindo suas possibilidades de dizer algo acerca da AIDS incisivamente a partir da perspectiva de “grupos de riscos”, as narrativas jornalísticas dariam destaque às situações envolvendo sujeitos identificados como homossexuais masculinos, usuários de drogas e heterossexuais “promíscuos”. Destacam-se algumas narrativas nesse sentido:

Se depender do alto padrão de higiene e asseio, não há o menor perigo de se contrair doenças sexualmente transmissíveis nos mais conhecidos motéis da cidade (...). **A situação só não anda boa para os homossexuais**, que não contam com a mesma liberdade para entrar e sair dos motéis sofisticados pelo menos quando são identificados dentro dos carros. (Jornal *Gazeta do Acre*, trecho da notícia “Trinta mil camisinhas para o carnaval seguro”, 31.01.1988, edição n° 648).

O preconceito e o medo da AIDS começam a afetar alguns setores do comércio em Rio Branco. O fato foi comunicado ontem, no dia mundial de prevenção e combate a AIDS (...). **Alguns homossexuais estariam sendo discriminados** simplesmente por

estarem inseridos num dos grupos de risco, como foi constatado numa academia de ginástica cidade. (Jornal *A Gazeta*, trecho da notícia “AIDS: preconceito afeta homossexuais”, 02.12.1988, edição nº 898).

(...). O Acre vem mantendo seu numero oficial de casos conhecidos – três – desde meados do ano passado, que deixa em terceiro lugar entre os Estados da Amazônia. No entanto, o numero de portadores da doença aumenta dia a dia, **seja entre homossexuais, heterossexuais promíscuos ou viciados em drogas injetáveis**. (Jornal *A Gazeta*, trecho da notícia “Capital pode ter 300 portadores do vírus da AIDS”, 31.01.1989, edição nº 948).

Uma campanha para modificar os métodos de prevenção e controle da AIDS entre os grupos de risco. (...) e que se destina a difundir informações sobre esta doença e outras sexualmente transmissíveis **entre presidiários, prostitutas, homossexuais e usuários de drogas**, usando pessoas recrutadas nestes próprios meios como agentes de informação. (Jornal *A Gazeta*, trecho da notícia “Prevenção de AIDS usa drogados e homossexuais”, 14.06.1989, edição nº 1055).

A figura do homossexual aparece nos termos das narrativas dos jornais como “naturalmente” atrelada à promiscuidade sexual, sendo, portanto, o elemento mais destacado dos “grupos de risco”, enquanto a figura do heterossexual promíscuo precisa ser especificada, principalmente com a marca de “prostitutas”. Nesse jogo de construção dos sentidos, a heterossexualidade se dar a ver como um estado saudável se exercitada dentro de determinados padrões de comportamento, como o sexo monogâmico, reprodutivo e sem finalidades lucrativas, ao passo que a homossexualidade não pode ser exercitada em modalidades seguras e moralmente aprováveis (RUBIN, 1984). Os usuários de drogas não têm suas sexualidades inquiridas, sua exposição ao vírus do HIV deve-se a questões outras e serão apresentados com certa secundariedade das notícias.

As narrativas jornalísticas também darão notabilidade a preconceitos enfrentados pelos homossexuais, como nas aqui já referenciadas, com espaços de socialização na cidade de Rio Branco (AC) negando acesso a esses sujeitos, como motéis e academias. A visibilidade dos sujeitos como atrelados a uma condição física de mortalidade, mesmo que supostamente, alimentava uma “paranoia”, um pânico moral-sexual. Como define Jeffrey Weeks:

Os pânicos morais cristalizam medos e ansiedades muito difundidos, e muitas vezes lidam com eles não pela procura das reais causas dos problemas e as condições que eles demonstram, mas deslocando-os como “Demônios do Povo” em um certo grupo social identificado (comumente chamado de “imoral” ou “degenerado”). A sexualidade tem tido uma centralidade particular em tais pânicos, e os “desviantes” sexuais tem sido bodes expiatórios onipresentes. (WEEKS, 1981 apud RUBIN, 1984, p. 32).

As prostitutas e os homossexuais seriam os grupos identificados no contexto como os causadores dos “problemas” com a AIDS, com suas condutas sexuais inadequadas e “perigosas”. Como define Rubin (1984), esses sujeitos ocupam num sistema hierárquico de valores sexuais o ponto mais baixo, de maneira geral, classificados como doentes mentais, com má reputação e criminosos, tendo suas mobilidades sociais e física restritas, com a perda de suporte institucional e sanções econômicas. Deve-se considerar que a intensidade desses estigmas teria grande parte de seu aporte discursivo nas tradições religiosas ocidentais, mas muito de seu conteúdo contemporâneo é extraído dos discursos médicos e psiquiátricos (RUBIN, 1984).

Nesse sentido, o “medo da AIDS” seria uma pauta preferencial nos jornais pesquisados. Na coluna de “opinião pública” do jornal *A Gazeta*, nos anos de 1988 e 1989, as pessoas foram inquiridas sobre esse temor. Nas opiniões dos sujeitos se destacaria a concepção de que o medo era um sentimento a se nutrir com relação à síndrome, devido à impossibilidade de cura, e que a possibilidade de contrair a doença estava relacionada quase que estritamente a homossexualidade. Por esse viés, morte e homossexualidade seriam significadas lado a lado para se produzir uma visibilidade a AIDS. A seguir algumas das opiniões “populares” veiculadas no jornal *A Gazeta* em 1988:

Francisca Ribeiro da Silva, 24 anos, funcionária pública: “Dá pra ter medo mesmo, pois é uma doença que mata. É uma questão muito séria e temos que tomar cuidado, principalmente os jovens que tem uma atividade sexual mais intensa, trocando constantemente de parceiros”.

Nilce Castro, 33 anos, funcionária da Sanacre: “O medo se justifica porque é uma doença que mata. Existem várias doenças sérias, mas com um tratamento específico prolongado, há possibilidades da pessoa ficar boa. A AIDS não. Quando você adoecer sabe que é morte certa”.

Roberto Oliveira da Costa, 36 anos, funcionário público: “Muita gente fica com medo sem saber direito o que é a Síndrome e como ela é transmitida. O preconceito com os homossexuais acentuou-se mais com o advento da AIDS porque há uma tendência para se considerar todo aidético como homossexual, alguém que deve ser apedrejado e isolado do convívio social. Deste ponto de vista, o medo da AIDS é muito prejudicial”.

Ricardo Pereira da Silva, 28 anos, trabalhador braçal: “Esse negócio de AIDS é coisa de bicha. As pessoas de família e que tem comportamento decente devem continuar com a moral dentro dos padrões para evitar o fim do mundo”.

Maria Auxiliadora dos Santos, 28 anos, empregada doméstica: “Dizem que é uma doença perigosa que a gente pega quando transa com pessoa do mesmo sexo. Aí fica feio pra uma mulher direita, mãe de dois filhos como eu e muitas outras, aparecer doente de uma hora para outra. Como é que vamos conseguir explicar para os parentes, amigos e maridos ou namorados?”. (*Jornal A Gazeta*, Coluna Opinião Publica, p. 02, 11.11.1988, edição nº 880).

Nas declarações notabilizadas pelo jornal pode-se auferir que alguns sujeitos possuíam informações mais diversificadas acerca da síndrome e eram capazes de emitir posicionamentos menos estigmatizantes, como o funcionário público de 36 anos, que em sua fala destaca o preconceito contra homossexuais decorrente de “uma tendência de considerar todo aidético como homossexual”. Em contraposição, as falas de outros dois sujeitos reproduzem a tendência apontada, por meio das afirmações: “Esse negócio de AIDS é coisa de bicha” e “Dizem que é uma doença perigosa que a gente pega quando transa com pessoa do mesmo sexo”. As próximas declarações apresentadas foram concedidas no ano de 1989, quando novamente o jornal *A Gazeta* inquiriu pessoas sobre o “medo da AIDS”:

Maria Rodrigues de Almeida, 45 anos, professora: “Eu não tenho medo porque não estou no grupo de risco. Sou casada e tenho certeza que meu esposo é muito fiel a mim e, por isso, eu acho que não tem perigo. Agora, medo mesmo eu não tenho porque só pega AIDS quem quer. Se você se cuida não tem perigo, mas se andar se envolvendo com pessoas de grupo de risco é mesmo que estar pedindo para ser contaminada pelo vírus da doença e aí é fatal. O resto é esperar pela morte”.

Antonio Albuquerque Neto, 27 anos, bancário: “Olha, medo de contrair AIDS eu não nego que tenho. Só que não ando envolvido com gente do chamado grupo de risco. Não uso drogas e as minhas companheiras de relações sexuais, são muito bem escolhidas. Dou preferencia por meninas novinhas com pouca experiência e isso eu tenho certeza que já me ajuda. Eu acho também que se pega AIDS também quando se faz por onde, quando quer pegar mesmo. Porque quando não se quer contrair esta doença a melhor maneira de evitar é escolhendo seus parceiros sexuais”. (*Jornal A Gazeta*, Coluna Opinião Pública, 15.06.1989, edição nº 1056).

Nas duas falas aqui referenciadas o fator da culpa do individuo por contrair o HIV é ressaltada, constitui-se uma relação entre um sexo “respeitável” e impossibilidade de contrair a doença. Essa imputação de culpa aos sujeitos a exposição e possibilidade de contrair o vírus constituiu uma “hierarquia de respeitabilidade” (PELÚCIO, 2009). O “bom sexo”, capaz de “imunizar” determinados indivíduos da AIDS, seria aquele praticado entre sujeitos heterossexuais, preferencialmente casados e monogâmicos, como define a professora de 45 anos: “Sou casada e tenho certeza que meu esposo é muito fiel a mim e, por isso, eu acho que não tem perigo”. Por esse viés, estar nesta posição de sujeito significando ocupar o topo de uma hierarquia de respeitabilidade social e afastada de “riscos”.

Contudo, mesmo não sendo praticada monogamicamente a heterossexualidade parecia poder garantir uma determinada “imunidade” ao sujeito na perspectiva da opinião emitida pelo bancário de 27 anos. Em sua declaração destaca que: “Dou preferencia por meninas novinhas com pouca experiência e isso eu tenho certeza que já me ajuda”. A escolha por parceiras jovens e com pouca experiência, que poderia ser questionável de um ponto de vista legal², indicaria uma escolha por relacionar-se com sujeitos supostamente afastados das condições de risco, posto que, conforme aponta Pelúcio (2009), “vivendo expostos ao risco, os desviantes precisariam se prevenir, enquanto ‘a sociedade em geral’ se preveniria do contato com os desviantes”. (PELÚCIO, 2009, p. 116).

O autocontrole compõem a gramática da prevenção nos discursos de saúde médica e essa percepção é notabilizada nos jornais e absorvidas pelos sujeitos, numa idéia de “comportamento decente”. De forma similar ao jovem bancário, à reportagem “O amor nos tempos da AIDS”, publicada em *A Gazeta*,

2 O Código Penal de 1940 (Decreto-lei nº 2848/1940), que virgorava no período de construção das

12.06.1988, p. 09, edição nº 754, traria outros sujeitos narrando seus métodos para “escapar” da possibilidade de contrair a doença.

Nos termos da reportagem, uma professora de 29 anos: “(...) confessa que partiu para masturbação, ‘pode não ser uma boa solução, mas pelo menos não fico paranoica, entrando em parafuso se tenho um resfriado mais demorado”. Uma mulher de 29 anos considera somente se envolver com homens casados: “Meu namorado é casado. (...) o fato de ele ter uma mulher e uma vida bem familiar é minha garantia de que amanhã não vou morrer dessas doenças terríveis”. O jornalista classificaria essas atitudes como de “castidade forçada” e “fidelidade”, além de ressaltar outras experiências de sujeitos que só praticavam sexo com pessoas da cidade de Rio Branco (AC), evitando relacionamentos com os “de fora do estado”.

O discurso do autocontrole aliado à perspectiva de “comportamento decente” e “grupos de risco” levava os sujeitos a considerar mudanças nas suas condutas sexuais e produzir estratégias de prevenção, sendo importante observar que muitas dessas estratégias não se alinhavam as produzidas pelos saberes biomédicos. O uso de preservativo poderia ser dispensado nas relações heterossexuais, por exemplo, desde que o parceiro fosse alguém de “vida familiar” ou “sem experiência” sexual, algo que não era indicado pelas orientações médicas oficiais.

A percepção de “grupos de risco” parecia dar um senso de segurança às pessoas que não se identificavam como parte desses. Contudo, esse “senso de segurança” favorecia a execução de comportamentos de risco, como o sexo sem proteção nas relações heterossexuais, sendo esse um dos fatores relevantes para a “heterossexualização” da transmissão do HIV ao longo dos anos 1990 (PELÚCIO, 2009).

Outras narrativas veiculadas nos jornais locais sustentavam que AIDS era um problema que vinha de “fora” do Acre. Em texto “Ai de nós, ai de nós” publicado no jornal *A Gazeta*, 13.08.1989, jornalista Estevão Bimbi³ expressa a seguinte percepção sobre a questão:

Ai de nós, ai de nós.

narrativas jornalísticas coletadas nessa pesquisa, especificava a idade mínima de consentimento sexual aos 14 anos, caso a percepção do sujeito entrevistado de “meninas novinhas” fosse em faixa etária menor a essa ou aproximada, estaria praticando crime nos termos da referida legislação.

3 Estevão Bimbi (falecido em 2004) foi um popular Jornalista- Radialista no Estado do Acre tendo

A outrora bucólica e romântica Rio Branco vai se transformando aos poucos numa capital altamente badalada em nível internacional. A notícia espalhada por um imbecil de que a beberagem conhecida como daime estava curando a AIDS nos colocou novamente em evidencia. Uma triste evidencia, por sinal.

Hoje, transitam por nossa capital incognitamente, raros espécimes da chamada fauna humana. Ney Matogrosso, um veado muito importante, não sai do pedaço. O mesmo acontece com Fagner, que não passa quinze dias sem dar as caras para tomar uma talagada. Até mesmo o Milton Nascimento, tido até agora como um chegado recatado anda fazendo suas viagens pelo Acre, “pesquisando comunidades indígenas”. A Bichona internacional Sting, vira e mexe freta um jatinho para ver a massaranduba do Raoni, um cacique bem dotado – não é só o beijo dele que é grande...

Para nossa desgraça aportou também por aqui o Cazuzu, até bem pouco tempo um fresquinho inexpressivo, que a imprensa da frescura quer transformar em herói nacional. Por favor, não me venham com esse negócio de pena do Cazuzu. Ele fez por merecer.

Não vai demorar muito, tudo que é fresco atacado de AIDS e outros bacilozinhos indigestos, vai pintar por aqui em busca de cura. Nossa tranquilidade foi pro quiabo com essa historiazinha safada. Já nos havíamos familiarizado com nossos baitolas domésticos, que a bem da verdade não sacaneavam com ninguém. No entanto, baitola estranho encuca a gente. Esse pessoal vem carregado de tudo que não presta e se arranja por aqui, colocando em perigo a nossa paz e a nossa saúde.

Convenhamos, quem aprontou essa sacanagem merecia ser pendurado pelos bagos naquela frondosa árvore da Praça Plácido de Castro. Os menos avisados, irão dizer que é marcação boba. Boba uma droga. Esses safados contaminados são capazes de tudo. Eles são capazes de traçar as gatinhas do pedaço ou rabear adoidado para molecada. Já pensaram na tragédia? Baitola desesperado não tá nem ai. Todo cuidado é pouco.

A grande verdade é que a tranquilidade acabou. A cidade tá cheia de gente estranha, cabelão comprido, brinquinho, aquele olhar sífilítico, cheirinho esquisito e roupas espalhafatosas. O pior é que as gatas adoram novidades.

exercido suas atividades em diversas empresas locais de comunicação entre os anos 1970 - 2000, entre elas *Radio Alvorada*, *TV Gazeta*, *Jornal A Gazeta* e *Radio Difusora Acreana*. O programa mais popular de Bimbi no rádio foi o denominado “*Mundo Cão*” transmitido pela Rádio Difusora Acreana.

Por essas e outras é que os mais chegados numa transinha extra-lar devem redobrar os cuidados, caso contrário, sifu na certa. (Jornal *A Gazeta*, 13.08.1989, edição nº 1106).

O autor do artigo de opinião ressalta uma perspectiva que vincula a AIDS a homossexualidade masculina e comportamentos promíscuos. Referência três sujeitos: “Ney Matogrosso, um veado muito importante”, “Cazuza, até bem pouco tempo um fresquinho inexpressivo” e “A bichona internacional Sting”, todos esses significados como homossexuais e elementos perigosos para os que viviam na “bucólica e romântica Rio Branco”, pois “Baitola desesperado não tá nem aí”. Estevão Bimbi contrapõem esses outros aos “baitolas domésticos” estruturando percepção de que a AIDS era uma “estrangeira” ameaçadora, produzindo “faces” para representá-la nas figuras dos sujeitos citados, além de referenciar um “tipo” que poderia ser dado a ver como eminente perigo aos rio-branquenses: “cidade tá cheia de gente estranha, cabelão comprido, brinquinho, aquele olhar sífilítico, cheirinho esquisito e roupas espalhafatosas”.

Na narrativa se constrói uma percepção de que pessoas que contraiam o vírus poderiam praticar atos sexuais sem proteção visando expor outras pessoas, nesse sentido, mesmo vinculado à síndrome a homossexualidade masculina, Bimbi afirma que “(...) Esses safados contaminados são capazes de tudo”, inclusive, de “traçar as gatinhas do pedaço”. Com isso, potencializa-se uma ligação entre contrair a doença e ter um comportamento necessariamente promiscuo, no caso remetendo a sujeitos que mantinham relações sexuais com outros de ambos os gêneros, desconsiderando que se poderia contrair o HIV por outros meios que não a via sexual e, conseqüentemente, significando a pessoa vivendo com o vírus como uma ameaça, e do ponto de vista do artigo, uma ameaça “consciente”.

Assim, o medo e o estigma deveriam ser direcionados aos sujeitos “de fora” e aos homossexuais, dados a ver como sujeitos que disseminavam a síndrome de forma deliberada. A opinião de Bimbi era orientada por perspectivas de *saberes de crença* sobre as questões relativas ao HIV, esses saberes seriam aqueles que:

(...) resultam da atividade humana quando esta se aplica a comentar o mundo, isto é, a fazer com que o mundo não exista mais por si mesmo, mas sim através do olhar subjetivo que o sujeito lança sobre ele. Uma tentativa não mais de inteligibilidade do mundo, mas

de avaliação quanto a sua legitimidade, e de apreciação quanto ao seu efeito sobre o homem e suas regras de vida. (CHARAUDEAU, 2015, p. 45).

Em anos anteriores ao de publicação do artigo em *A Gazeta* já circulava nas mídias a orientação de que relações heterossexuais também eram suscetíveis ao HIV⁴. Contudo, articulando concepções que circulavam no imaginário social de forma incisiva, o autor de “Ai de nós, aí de nós” constrói uma narrativa que instrumentaliza “familiaridade com” ao invés de saberes de conhecimento⁵, insistindo em vincular a doença à homossexualidade, a promiscuidade e aos sujeitos de outros lugares.

Ademais, percebe-se o uso constante no artigo, como em outras narrativas jornalísticas, de uma linguagem que produz percepções equivocadas sobre o que especificamente seria viver com HIV e estar vulnerável com a AIDS. Do ponto de vista do discurso biomédico, os sujeitos contraem o HIV, o vírus da imunodeficiência humana, e viver com o vírus não significa necessariamente desenvolver a AIDS, sendo essa “uma síndrome de infecções e doenças oportunistas que podem se desenvolver à medida que a imunossupressão aumenta durante a evolução da infecção pelo HIV (da infecção aguda até a morte)” (UNAIDS, 2017, p. 31).

Nesse sentido, as narrativas dos jornais produziam uma dizibilidade que destacaria acontecimentos envolvendo pessoas que estariam vivendo com a evolução da infecção pelo HIV, manifestando as doenças oportunistas causadas pela AIDS. Dava-se notabilidade a situações de extrema gravidade, articulando uma percepção de que as pessoas seriam “infectadas” diretamente pela AIDS, sem explicitar as diferenças clínicas entre contrair o HIV e desenvolver a síndrome.

Eventualmente, quando se destacavam declarações de médicos essa

4 Jornal *O Rio Branco*, em 03.06.1987, edição nº 3138, p. 06, publicaria matéria intitulada “Heterossexuais também são suscetíveis à doença”. Em 18.01.1987, edição nº 3030, p.06, o mesmo veículo de mídia publicaria material informativo intitulado “AIDS: Tudo que você queria saber e não ousava perguntar”, onde informava aos leitores sobre as formas de contrair o HIV, destacando entre outras as relações heterossexuais sem o uso de preservativos.

5 Conforme Charaudeau (2015), “*saberes de conhecimento* são aqueles que procedem de uma representação racionalizada da existência dos seres e dos fenômenos sensíveis do mundo” (2015, p. 43). Este autor destacada ainda que esses conhecimentos “são considerados suficientes para dar conta do mundo da maneira mais objetiva possível”, entretanto, “passam pelo filtro da experiência social, cultural, civilizacional, o que os relativiza” (2015, p. 44). Remete-se, em suma, aos conhecimentos significados na forma do discurso técnico-científico.

diferença era abordada, como na narrativa “Acre pode ter mais de 300 portadores da AIDS” publicada no jornal *A Gazeta*, 31.01.1989, edição nº 948. Nessa notícia, a médica Vânia Cavalcante produz a seguinte explicação:

Há um problema básico que deve ser compreendido. Quando citamos casos de AIDS, isso quer dizer o numero de pessoas que está debilitada pela doença, enquanto os portadores, são pessoas que possuem a doença – o vírus – sendo ou não notificados, mas não sofrem qualquer problema apesar de continuarem a transmiti-la para pessoas sadias. (Jornal *A Gazeta*, 31.01.1989, edição nº 498, trecho da notícia “Acre pode ter mais de 300 portadores da AIDS”).

Na explicação do discurso médico a diferença entre portar o vírus e desenvolver a síndrome é ressaltada, contudo a explicação “científica” utilizada na narrativa jornalística perde parte considerável de seu potencial informativo, pois em sua manchete a notícia não reproduz a distinção entre as condições. A médica informa que alguns sujeitos portam o vírus, mas não desenvolvem a AIDS e nem sofrem os efeitos de doenças oportunistas, no entanto, a narrativa jornalística contrariando essa explicação afirma que as pessoas portam a AIDS já em sua manchete.

Os jornais *O Rio Branco* e *Gazeta do Acre/A Gazeta* dariam enfoque também a situações individuais, notabilizando experiências pessoais de sujeitos que supostamente estariam vivendo com o HIV e casos de morte pela AIDS⁶. *A Gazeta*, de 22.07.1989, edição nº 1087, veicularia notícia “Manequim acreano morre em Manaus vítima da AIDS”, nessa se enfoca a morte de um estudante acreano de 23 anos supostamente vitimado pela síndrome. Em seu texto são expostos o nome completo do sujeito e dados de sua vida estudantil e pessoal. A fonte do material informativo foram “alguns amigos”, que afirmaram que o rapaz vivia com o HIV desde 1988.

O caso do estudante notabilizado pelo jornal *A Gazeta* aproxima-se do um registro apresentado na obra de Teodorescu e Teixeira (2015), onde afirmam que:

O primeiro caso de aids registrado no Estado do Acre data de 1987 (...). O paciente notificado em 1987 foi um caso isolado. Era natu-

6 Notícia “Menina sob suspeita de AIDS é surrada por muitos em bar” publicada no *A Gazeta*, em 11.03.1989, edição nº 979; Notícia “Burra cega está com AIDS e quer se tratar no Rio”, publicada em *O Rio Branco*, 18.01.1988, edição nº 3320; Notícia “AIDS mata o ator Lauro Corona”, publicada em *O Rio Branco*,

ral do estado, de nível universitário, e nunca tinha deixado o Acre. Bissexual, mantinha relações com um rapaz acreano que viajava com frequência para outros estados brasileiros. Enquanto viveu com a doença, o paciente procurou hospitais em Manaus e, quando foi a óbito, a família alegou que ele tinha falecido de hepatite C. (TEODORESCU; TEIXEIRA, 2015, p. 341).

O jovem, conforme notícia do jornal pesquisado, era bissexual (possuía uma namorada e tinham um filho), veio a falecer na cidade de Manaus (AM) e não teve o diagnóstico confirmado por familiares. Na mesma edição em que publicou a notícia sobre o falecimento do estudante, jornal *A Gazeta* também publicaria texto editorial intitulado “A AIDS e a ética”, p. 03. Seguem trechos do material:

A AIDS e a ética

A ética jornalística tem como limite a necessidade do acesso do público a informação. (...) O que está acontecendo na capital acreana é que existem casos concretos e comprovados de pessoas portadoras ou já doentes de AIDS. Essa doença está matando e, por puro provincianismo, este assunto tem sido relegado, ocasionando um aumento do risco de contágio por falta de informações. (...) A AIDS está presente no Estado, o Hemoacre tem feito diagnósticos positivos em amostras de sangue, e sem sensacionalismo, é fundamental que se discuta esta questão as claras. Revelar este lado da questão é dever da imprensa e em momento algum isto se constitui quebra de padrões éticos. O que não é correto é criar um silêncio sobre o assunto (...). Discutir a AIDS com rigor, com decisão, esclarecer o que se puder sobre esta síndrome fatal é uma obrigação de todos. Não se pode calar ante uma doença que é fatal em 100% dos casos (...). (Jornal *A Gazeta*, 22.07.1989, edição nº 1087, p. 03).

Na perspectiva do texto editorial ressalta-se a necessidade de falar sobre a AIDS de maneira insistente, visando “esclarecer o que se puder sobre esta síndrome fatal”, incluso falar de casos específicos de indivíduos supostamente vivendo com a doença para construir notícias. Caberia aos veículos de mídias, enquanto dispositivos de notabilidade (RODRIGUES, 2016), dar visibilidade aos acontecimentos “concretos” envolvendo a AIDS e produzir informações.

A narrativa afirma que “a AIDS está presente no Estado”, produ-

21.07.1989, edição nº 3715.

zindo alerta que destaca a doença não mais como uma situação distante, mas um problema já existente na localidade. A fala do editorial se sustenta pela perspectiva de medo da AIDS enquanto “doença que é fatal em 100% dos casos”.

O texto também parece prever reações a pautas que envolviam a exposição de casos individuais, como o do estudante de 23 anos, produzindo uma defesa do jornal sustentada pela necessidade de “acesso do público a informação” e por “revelar este lado da questão”, não configurando uma “quebra de padrões éticos” e nem um tratamento sensacionalista de seu ponto de vista.

Contudo, destaca-se que o caso do jovem foi explorado em outras narrativas do veículo, como a reportagem publicada em 26.07.1989, edição n° 1090, intitulada “Morte por AIDS gera o pânico na capital”, na qual se continuaria a expor esse caso específico como exemplo de que a AIDS “não elege suas vítimas em funções de regiões, características raciais, etárias ou sexuais. (...) absolutamente democrático, contaminando homens, mulheres e crianças (...)”. Tanto em texto “A AIDS e a ética” quanto em “Morte por AIDS gera o pânico na capital” emprega-se uma perspectiva de medo e exigência de controle e prevenção do HIV por meio da exposição de sujeitos “infectados” e alerta para a mudança de comportamentos sexuais “promíscuos” e inadequados.

Nesse sentido, pode-se concluir que os jornais locais, enquanto dispositivos de notabilidade e agentes na construção das realidades sociais, produziram formas de dar a ver a AIDS e os sujeitos indicados como vinculados à doença, com destaque a situações de preconceito e estigmas, mas também alimentando percepções preconceituosas e pouco precisas sobre os determinados “grupos de risco”, reverberando em suas narrativas as perspectivas de um saber médico considerado “neutro” e “objetivo”, porém no período pesquisado, ainda incipiente e parco sobre as questões do HIV e da AIDS.

A Gazeta do Acre/ A Gazeta e O Rio Branco notabilizaram como os sujeitos lidaram com as informações que circulavam sobre a “nova” doença e produziram estratégias de prevenção, algumas divergentes dos saberes oficiais e orientadas por percepções culturais que significavam comportamentos definidos como “decentes”, como o sexo heterossexual monogâmico, enquanto capazes de afastar os riscos de contrair o HIV.

Ademais, os jornais pesquisados sustentavam suas possibilidades de dizer algo sobre a AIDS pela perspectiva do medo, significando insistentemente a doença como “mortal” e “assustadora”, contribuindo para a emergência de pân-

nicos morais e sexuais que possibilitaram uma maior vigilância sobre as condutas das pessoas e, conforme previsto por Gayle Rubin (1984), tem produzido consequências de longo alcance nas vidas sexuais dos sujeitos, sobretudo, daqueles historicamente dados a ver como “desviantes” e “anormais”.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

GUIA de terminologia do UNAIDS. UNAIDS, 2017. Disponível no endereço <http://unaid.org.br/wp-content/uploads/2017/09/WEB_2017_07_12_GuiaTerminologia_UNAIDS_HD.pdf> Acessado em Nov. 2017

LAURINDO – TEODORESCU, Lindalva. TEIXEIRA, Paulo Roberto. **Histórias da aids no Brasil**, v. 1: as respostas governamentais à epidemia de aids. Brasília:Ministério da Saúde/Secretaria de Vigilância em Saúde/Departamento de DST, Aids e Hepatites Virais, 2015.

PELÚCIO, Larissa. **Abjeção e desejo: uma etnografia travesti sobre o modelo preventivo de AIDS.** São Paulo: Annablume; FAPESP, 2009.

RODRIGUES, Adriano Duarte. O acontecimento. In: TRAQUINA, Nelson (org.). **Jornalismo: Questões, Teorias e “estórias”.** Florianópolis: Insular, 2016. p. 29-49.

RUBIN, Gayle. **Pensando sobre Sexo: Notas para uma teoria radical da política da sexualidade.** Tradução de Felipe Bruno Martins Fernandes, revisão de Miriam Pillar Grossi. Disponível em <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/1229/rubin_pen-sando_osexo.pdf?sequence=1>. Acesso em mai. 2017.

SOARES, Alexandre Sebastião Ferrari. **A Homossexualidade e a AIDS no imaginário de Revistas Semanais (1985-1990).** 2006. 235 f. Tese (Doutorado em Estudos linguísticos) – Universidade Federal Fluminense. Rio de Janeiro, 2006.

A AIDS e a ética. **A Gazeta**, Rio Branco, 22 jul. 1989, edição 1087.

AIDS, violência, preços altos assustam foliões. **Gazeta do Acre**, Rio Branco, 24 jan. 1988, edição 642.

AIDS preconceito afeta homossexuais. **A Gazeta**, Rio Branco, 02 dez. 1988, edição 898.

AIDS mata o ator Lauro Corona. **O Rio Branco**, Rio Branco, 21 jul. 1989, edição 3715.

AIDS: tudo que você queria saber e não ousava perguntar. **O Rio Branco**, Rio Branco, 18 jan. 1987, edição 3030.

AUMENTO da AIDS na capital. **A Gazeta**, Rio Branco 03 fev. 1989, edição 951.

BIMBI, Estevão. Ai de nós, ai de nós. **A Gazeta**, Rio Branco, 13 ago. 1989, edição 1106.

BURRA cega esta com AIDS e quer se tratar no Rio. **O Rio Branco**, Rio Branco, 18 jan. 1988, edição 3320.

CAPITAL pode ter 300 portadores do vírus da AIDS. **A Gazeta**, Rio Branco, 31 jan. 1989, edição 948.

HETEROSSEXUAIS também são suscetíveis à doença. **O Rio Branco**, Rio Branco, 03 jun. 1987, edição 3138.

MANEQUIM acreano morre em Manaus vítima de AIDS. **A Gazeta**, Rio Branco, 22 jul. 1989, edição 1087.

MEDO da Aids. **A Gazeta**, Rio Branco, 11 nov. 1988, edição 880.

MEDO da Aids. **A Gazeta**, Rio Branco, 15 jun. 1989, edição 1056.

MENINA sob suspeita de AIDS é surrada por muitos em bar. **A Gazeta**, Rio Branco, 11 mar. 1989, edição 979.

MORTE por AIDS gera o pânico na capital. **A Gazeta**, Rio Branco, 26 jul. 1989, edição 1090.

PREVENÇÃO de AIDS usa drogados e homossexuais. **A Gazeta**, Rio Branco, 14 jun. 1989, edição 1055.

TRINTA mil camisinhas para o carnaval seguro. **Gazeta do Acre**, Rio Branco, 31 jan. 1988, edição 648.

Data de recebimento: 19/12/2017

Data de aceite: 30/01/2018